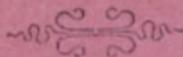


Carlos Frederico Parreira

SONETOS

(Primeiro livro)



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

(Imprensa da Casa Real)

110, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 116

1905



Ho seu colega Fernando.
o Oliveira Pessoa,
em signal de minha amesur-
de e admiracao pelo seu bello
caractta,

o/H

SONETOS

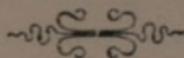
Carlos Frederico

SONNETS

Carlos Frederico Parreira

SONETOS

(Primeiro livro)



LISBOA

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL

(Imprensa da Casa Real)

110, RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 116

1905

PROFISSÃO DE FÉ

Avè-Maria, cheia de graça..

(AO MEU QUERIDO PAE)

Nossa Senhora piedosa e triste
Cheia de Graça e cheia de Ternura,
Linda como ninguem no mundo existe,
Meu Amor, Minha Fé, Minha Ventura !

Tu Cujo olhar de bens, de sonhos feito
Lembra um Lyrio de luz irradiando,
Tu, Cujo nome ideal me abre no peito
Um céu de estrêlas, luminoso e brando...

Tu, sabes, Santa, ha quanto tempo já
Meu coração deixou meu peito e ha quanto,
Ha quanto tempo o triste anda por lá...

Nossa Senhora eu creio em Ti, eu creio,
Proteje e guarda-me esse doido emquanto
Eu te bemdigo num febril aneio.

NATALICIO

Aos annos d'uma santa

(8-12-904)

Poétas que viveis cantando amores
 Aos lyrios, ás violetas e ás estrêlas,
 Que ouvis a vóz dos astros e das flôres
 E que sabeis tão bem comprehendel-as...

Olhae: no prado que explosão de côres!
 Olhae: que brilhos d'ouro nas estrêlas!
 Interrogae o cálice das flôres,
 Ponde os ólhos no céo que — dizem ellas?

— Hoje faz annos uma linda santa!...
 Cantam os astros pelo céo, e as flôres
 Tod^os curvad^os dizem — parabens!
 a a

Vôs, a quem tudo o que ha de bello encanta,
 Tenho o maior de todos os amores,
 O' poétas do amor que tendes mães!

NUPCIA IDEAL

(A D. João da Camara)

I

Que brilhos d'ouro pelo Azul, Querida!
Que ideal cortêjo nas Estrêlas passa!
Lá vae a Noiva a rir cheia de graça.
Que lindamente a noiva vae vestida!

Que lindo olhar, aquelle, minha vida,
Que lindo olhar que as almas nos abraça...
(Lembra-me o teu que docemente esvoaça
Sobre as ruínas d'uma fé perdida).

Que melodia nos embala agora!
Vamos cantando pelo espaço fóra...
Vamos cantando... ó minha estrêla, vem!

Tudo são cantos d'eternal magia;
Pálida e branca, luminosa e fria
Talvez a Noiva vos espere além,

II

Não fôra um sonho transcendente, quando
Te ví pelo meu braço, ó Flôr Celeste,
Quando a vóz d'ouro pelo Azul cantando,
Quando a voz d'ouro, doce amiga, ergueste...

Nem sei que linda historia tu disséste
Que eu escutava como que sonhando...
Talvez d'um certo amor que já tiveste,
Talvez do Coração ingénuo e brando

Era essa historia encantadora e linda.
Não fôra um sonho!... (e como sinto ainda
A perfumada unção da tua voz)

Chegamos quasi, ó bem-amada! (Perto,
O céu parece um grande palio aberto)
E a Noiva pálida a esperar por nós...

III

Dizem os anjos pelo céo : — bemdita !
Segreda um Astro a teus ouvidos : — linda...
E a Noiva branca num espanto fita
Em ti os olhos, e a sorrir : — bemvinda!...

O' minha vida, como estás bonita,
O' Sonhadôra, que ternura infinda,
Bem como em ninho tépido, palpita
Na tua bôca purpurina e linda !

.....
Agora eu ólho o firmamento... ai, tudo
D'aquelle sonho se desfez e eu vêjo
Eu vêjo o céo como um deserto mudo

Que é d'ella, a Noiva peregrina e dôce ?
E das Estrêlas o ideal cortêjo...
— Oh ! éssa Noite nunca um sonho fosse !

O FADO

(Ao meu carinhoso amigo e poeta Julio Baptista Ripado)

Como é dolente a musica do fado,
Como é dolente e como faz chorar,
Assim baixinho, assim amargurado,
Como tu sabes, meu amôr, cantar !

— São os pobres que vêm d'olhar parado,
Pelas estradas cheias de Luar,
E os céguinhos de rôsto resignado
Que pelas portas andam a tocar...

E os soldados que partem para a guerra
Deixando as noivas d'esta linda terra ;
E os marinheiros que se vão tambem...

Ai, tudo... é isto tudo ! é isto o fado,
D'este Paiz vélhinho e afortunado,
Que é a chorar que só se escuta bem...

MOÇAS DE PORTUGAL

(A Affonso Lopes Vieira e Antonio Corrêa d'Oliveira,
de todo o coração)

Moças de Portugal, ah que tristura
Quando cantaes assim pelo poente!
Se eu comprehendo a historia de amargura
D'èssas canções que fallam tanto á gente...

Se quando vindes pela estrada e quando
Ergueis a voz n'uma canção dolente
Como que escuto o coração rezando
Dentro do peito commovidamente...

Ai, quando um dia, todo engelhadinho,
Eu tiver de partir, deixar a vida,
Deixar as minhas afleições antigas...

Vinde embalar o trémulo velhinho...
Dizei-lhe uma canção enternecida,
O' suaves e tristes raparigas!

DESEJOS

(A Julio Dantas)

Pudesse eu transformar a minha vida
Num sorriso, num beijo — uma candura !...
Para trazê-la assim sempre florida
Essa ~~rinhosa~~ e linda creatura...

(Alma suave, alma sem par, nascida
Sob este lindo céu que dá ventura ;
Portuguesa no amor, enternecida
E a mais santa, a mais limpida, a mais pura.)

E cada dia que por mim passasse
Havias de sentil-o, tu na face
Num sorriso, num beijo transformado ;

E as nossas almas venturosamente
Doural'as-hia o sol bemdito e quente
D'um grande amor, sadio e abençoado.

Janeiro, de 1905.

VIDA SIMPLES

(A Augusto Gil)

Uma casita á beira d'uma estrada
Cheia de lindos roseiræes em flôr. .
Onde coubessem uma namorada
E um coração feliz de sonhador. . .

Todos os dias pela madrugada
O Sol, o Sol bemdito e creador,
Num sorriso de luz abençoada
Havia d'ir beijal-a com amor. . .

E nós os dois — eu moço e tu moça,
E nós os dois — oh ! que ventura a nossa !
Nesse lindo e suave paraíso. . .

E nisto apenas se resume a vida,
Ingénua e simples, casta e commovida
Como eu a quero e como a idealiso !

* 4 2 0

ARRUFOS

(A Henrique Lopes de Mendonça)

Ella entreabre a porta do salão
E vae sentar-se triste a soluçar,
A carta ainda na pequena mão...
— Esse a quem ama, lê, vae-se casar.»

— Não quero vê-lo mais. Quando chegar
Mando dizer que o não recebo e então
Hei-de ter forças para supportar
A dôr immensa d'este coração.

Tudo acabou ! tudo perdido agora...
Sonhos, dias felizes... — ella chora,
Chora, e o pranto lh'estrella os olhos. Batem

De leve á porta. Entra sorrindo o amante ;
E ella cae-lhe nos braços soluçante
Com mêdo, a doida ! não lh'o arrebatem !

ETERNO TEMA

(A meu irmão)

Elle o «sublime», o comico palhaço
Que em claras noites de luar e orgia
Arrebatava exangue de cansaço
A Multidão anonyma e sombria...

Ella, a franzina, a debil, d'olhar baço,
A «flor do enxurro», langorosa e fria,
Por quem em tempos um barão devasso
Enamorado se matou um dia...

Encontraram-se os dois n'um baile quando
Elle saía e como um sol entrando,
Entrava ella deslumbrante e loura ;

Déram-se os braços e não ha no mundo
Que consiga acabar o amor profundo
Com que se querem santamente agora !

MEU CORAÇÃO

(A uma feia)

Meu coração... (porque ninguém havia
Que tivesse no peito um coração
Cheio de vida e cheio de alegria
Capás de amal-o num affecto são).

Meu coração buscou a luz ^Ssaia,
A Vida, a Pas, o Amor e a Perfeição
No teu de feia que também sentia
O mesmo ideal, o mesmo anseio vão...

Meu coração caiu no teu e agora
Dorme este sono bom que me ^{ca}enamóra
Como uma doce e tímida crença ;

Dórme ao santo luar do teu carinho
Como num casto e perfumado ninho,
Como uma pomba adormecida e mansa.

